

DEVIR-ESPERANÇA E AS REPRESENTAÇÕES NA CIDADE

Um paradigma ético / estético?

O texto sugere alguns entrelaçamentos conceituais e provocativos nas relações entre as representações na cidade contemporânea e o princípio-esperança. A arquitetura e o urbanismo são entendidos enquanto campo das relações humanas e estão em meio ao trânsito de limites espaciais cada vez mais transversos, não sendo afetados apenas pelo mundo da representação, mas contaminam e se deixam contaminar por outros focos de manifestações e suas interfaces, sejam do campo da arte, da filosofia ou da ciência. O devir, as micro-ações e as arquiteturas de ruptura são encaradas enquanto possibilidades de formação de novos territórios, onde outras formas de percepção intempestivas emergem em contra-posição ao pensamento dominante.

“Desligue a máquina e confie em seus sentimentos”

Introdução

Trabalho final da disciplina Teorias da Cidade, ministrada pela Profa. Dra. Ana Fernandes, este artigo não tem um objetivo específico. Na verdade, é muito mais uma provocação. Um texto bastante difícil de confrontar, por algumas razões. Primeiro, pelo tema sugerido pela professora – discutir a relação entre cidade contemporânea e princípio-esperança – temática que eu considero extremamente pertinente e ao mesmo tempo desafiadora. Segundo, porque eu não tinha uma idéia muito clara de que forma iria abordar o tema, apesar das inúmeras reflexões suscitadas, principalmente a partir dos textos discutidos ao longo da disciplina.

Não sabia, exatamente, por onde começar [...]. Então, resolvi experimentar escrever de uma maneira mais livre, sem estruturar, previamente, uma ordem, um recorte ou uma seqüência de abordagens. Utilizei como base uma série de leituras que venho fazendo nos últimos dois anos e a própria plataforma bibliográfica do curso. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, fui percebendo que cada tópico surgia independentemente dos outros, de maneira indeterminada. O artigo, inclusive, não precisa ser lido na seqüência apresentada – cada tópico contém fragmentos de “devires-esperança”, problemática na qual irei me deter com mais cautela daqui por diante.

É claro que essa metodologia de escrita está um pouco vinculada ao meu próprio processo de “desterritorialização” – condição peculiar do ser humano contemporâneo. Vivemos tempos de intensas transformações e de formação de infinitos territórios, nem sempre muito precisos. Uma época de incertezas, de inquietações... Se o

mundo muda, e agora em altas velocidades, deve mudar também nosso olhar e pensar sobre ele, inclusive nossas ações. E as representações sobre a cidade? E as esferas dominantes? E as máquinas de captura e os processos de homogeneização? Convivemos *entre* a imprevisibilidade das coisas e ao mesmo tempo em *meio* ao trânsito de desejos. Mais do que nunca, novos acontecimentos precisam ser provocados. É uma das armas de resistência ao controle.

Ao final de um extenso campo de problematizações, como fugir da velha pergunta: o que fazer? Como sair desse ciclo vicioso? As pistas nem sempre são lá muito claras, mas devemos tentar cavá-las.

Princípio

Em meio a uma cidade tipicamente densa – estruturas viárias intrincadas, sombrios viadutos, névoas e fumaças desconcertantes, intenso fluxo de pedestres e de infernais automóveis, buzinas ensurdecedoras, áreas centrais polarizadas, mendigos nas marquises, crianças nos sinais, executivos em suas carruagens contemporâneas climatizadas, fumando seus cigarros importados em meio à caótica paisagem da cidade como se nada estivesse acontecendo, pessoas amontoadas umas sob as outras nos distantes conjuntos habitacionais, quando não em miseráveis barracos esconsos prestes a desabar, bocas de fumo sendo “estouradas” diariamente nas favelas, outra bala perdida mata uma linda menina dentro de uma singela sala de aula, mais uma criança espancada por um pai embriagado, meninas e meninos desaparecidos (teriam fugido das torturas e misérias de seus próprios cárceres privados?), uma trabalhadora doméstica é atacada no ponto de ônibus por adolescentes de “boa família” (pensaram que era uma prostituta), um índio também é atacado por adolescentes de “boa família” no ponto de ônibus (atacado não, atearam fogo nele, como se um dos raros representantes de uma das mais importantes etnias de formação da cultura brasileira fosse um simples pedaço de papel!) – Oops! Cuidado com os pontos de ônibus! Mais cuidado ainda com aqueles “rostitinhos bonitinhos” de meninos bem nutridos. Quem oferece mais perigo: o menino que “trabalha” como limpador de pára-brisas nos sinais ou o “filhinho de papai” que pilota seu carrinho do ano? “Por isso cuidado meu bem, há perigo na esquina” – será que o “sinal está fechado para nós, que somos jovens?” E ainda me aparecem mocinhas e mocinhos da classe média, completamente perdidos e anestesiados, preocupados com as últimas tendências da moda [...].

Ora, ora, ora, como já estamos absorvidos por esse cotidiano cruel! Em meio a esse sorvedouro, emergem infinitos olhares de interrogação [...]. Seria medo? Como sobreviver diante de um panorama tão bizarro? A realidade está aí, bem exposta, nua

e crua, mesmo que alguns setores pertencentes à ideologia dominante, geralmente fortes grupos econômicos com interesses bem específicos, tentem pintar um mar de rosas para você. Atenção: horizontes sombrosos, nem sempre “aquareladinhos”, são cenários quase que comuns nas principais metrópoles. Onde estão os castelos que davam refúgio a quantos a noite houvesse surpreendido em suas viagens, como nos oferece Ítalo Calvino em *O castelo dos destinos cruzados*? Onde estão os castelos de salvação? A calma, a abundância, a elegância, a ilusão [...].

O desemprego torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção. (SANTOS, 2000)

Calma, calma, calma. Nem todas as cidades são assim... Poderíamos enumerar as infinitas belezas naturais do planeta, os mistérios e os enigmas da nossa existência e os encantos de um universo imprevisível. Possivelmente, as emoções e surpresas que uma cidade pode nos proporcionar, seja ela qual for, são muito mais fascinantes que as primeiras linhas expostas acima. Entre o futuro dominado pela técnica e o saber científico produzido por uma sociedade totalitária e desumana, como aponta Aldous Huxley (1992) – há bem mais de meio século atrás –, prefiro a poesia e o devaneio do viajante veneziano Marco Polo, ao descrever as cidades visitadas ao imperador Kublai Khan, onde podemos nos perder em memórias, sonhos e símbolos, tal qual as andanças de um *flâneur*. São metafóricas? Desejantes? Ilusórias?

[...] é o desesperado momento em que se descobre que este império, que nos parecia a soma de todas as maravilhas, é um esfacelo sem fim e sem fórmula, que a sua corrupção é gangrenosa demais para ser remediada pelo nosso cetro, que o triunfo sobre os soberanos adversários nos fez herdeiros de suas prolongadas ruínas. Somente nos relatórios de Marco Polo, Kublai Khan conseguia discernir, através das muralhas e das torres destinadas a desmoronar, a filigrana de um desenho tão fino a ponto de evitar as mordidas dos cupins. (CALVINO, 1990, p.9-10)

As sociedades também vivem na medida das suas emoções e, é claro, nossas lentes hoje são outras. Porém, o que importa nem sempre são as misérias ou maravilhas do mundo, mas “as respostas que dá às nossas perguntas”.

Muitas vezes experimentamos olhar ao redor e aquela sensação estranha, muitas vezes, é camuflada pelo espírito da conformação. Um sentimento confuso. Podemos mudar o mundo? Provavelmente. Na verdade, mudamos o tempo todo. Existe um mundo real, tal qual se apresenta, um mundo de diferenças, de injustiças, de pobreza, alegrias e tristezas – depende de como está saturado. Existe também um

mundo artificial, ilhas e imagens forçadas muitas vezes produzidas em prol de um consumo desenfreado – são estratégias de dominação. Mas também tem aquele mundo que podemos transformar, tentando reconhecer as possibilidades, preservando as posturas éticas e abrindo espaço para as coexistências e revoluções, provavelmente revoluções moleculares, quase imperceptíveis, mas que se encontram em processo. Mundos paralelos da condição de viver, ou melhor, mundos coexistentes, superpostos, que se contaminam em zonas de vizinhança, em tempos diferentes e fora das representações institucionalizadas.

Se podemos recriar outros mundos, depende da forma como encaramos as crises e de como tiramos partido do caos¹. Os processos de dominação totalitários e hegemônicos tentam determinar modelos, padronizações e hábitos. As máquinas de agenciamento tentam nos controlar o tempo todo e elas são inúmeras, de naturezas as mais diversas. Podemos resistir de várias maneiras. Pelo questionamento ao pensamento dominante, pelo posicionamento crítico e pela forma como encaramos esse mundo – no plano individual e nas organizações coletivas. Tal posicionamento depende das relações entre saberes e processos de subjetivações que são produzidas. No entanto, é também preciso perceber as conexões e redes de poderes nem sempre visíveis – “desterritorializar” – pois tais relações nem sempre operam em processos de causa e efeito. São acontecimentos, sucessões descontínuas e multiplicidades sempre em processo de transformação.

Frente a essas questões, acredito que existam três princípios básicos de um devir-esperança: a nossa **visão de mundo** – que envolve percepções e saberes (*experiência empírica*) e novos conceitos, portanto, pressupõem uma nova orientação do pensamento, mudanças na forma de pensar e na maneira como nos situamos perante uma multiplicidade de caminhos; nossa possibilidade de **criação** (*performance*) diante das situações mais diversas – pelo caráter de transgressão e pelas esferas da representação e, sobretudo, a **ética** – pela posição que tomamos, pelos princípios que defendemos, pelos valores e posturas que assumimos. Penso que tais princípios se estabelecem em relações indissociáveis.

O mito de pandora e a criação do mundo

Bem, sabemos que a criação do mundo sempre despertou a curiosidade do homem. Os povos pagãos, por exemplo, tinham uma versão para esse acontecimento: antes de serem criados o mar, a terra e o céu, todas as coisas apresentavam um aspecto meio inebriante que chamavam de **Caos** – uma grande e confusa massa sombria, onde estavam suspensas as sementes de todas as coisas. O Caos era o portador

da nova Era, pois carregava em seu seio o germe que conduziria ao embrião do mundo porvir. Tudo estava misturado, o mar, a terra, o ar, mas a terra ainda não era sólida nem o mar era líquido. Deus e a Natureza interviram nessa massa híbrida e começaram a separar, primeiramente, a terra do mar e depois do céu. O céu, mais leve, espalhou-se e formou o firmamento. O ar também tomou o seu lugar em função de sua massa e composição. A terra, mais pesada, findou para baixo e a água ocupou seus espaços livres, fazendo-a flutuar. É claro que todas as outras coisas foram “organizadas” por outro deus, responsável por dispor rios, lagos, vales, bosques, fontes, planícies, montanhas, animais, etc, em seus devidos lugares. Bem, precisava-se criar um animal mais nobre – o homem. Prometeu (um dos titãs, seres que habitaram a Terra antes do ser humano), então, misturou um punhado de terra com água e fez o homem à semelhança dos deuses. Esse Homem era ereto e podia erguer seus olhos aos céus. Epitemeu, irmão de Prometeu, foi incumbido de atribuir a cada animal da Terra dons específicos e variados. Quando chegou a vez de conceder um dom superior ao Homem, pois esse deveria reinar sobre a Terra, Epitemeu já havia gastado todos os seus recursos com os animais “menores” e nada mais lhe sobrara. Assim, com a ajuda de seu irmão Prometeu e da deusa Minerva, acendeu uma tocha no carro do sol, trazendo fogo dos céus para o Homem. Esse era seu dom que assegurava sua superioridade. Com o fogo, o Homem construiu armas e ferramentas, aqueceu sua morada e, inclusive, criou a arte de cunhar moedas, que ampliou e facilitou o comércio. A mulher? A mulher ainda não era criada. Segundo algumas das versões pagãs, Júpiter a criou e enviou-a para punir Prometeu e Epitemeu por terem roubado o fogo dos céus, e o Homem, por tê-lo aceito. A primeira mulher se chamava Pandora. Pandora foi criada nos céus e cada um dos deuses contribuiu com alguma virtude para aperfeiçoá-la. Depois de concluída com esmero, afinal de contas havia recebido a beleza de Vênus, a persuasão de Mercúrio, a música de Apolo e assim por diante, foi enviada como um presente para Epitemeu, que a aceitou. Epitemeu tinha em casa uma caixa na qual guardava muitas coisas, em sua maioria de natureza estranha, inclusive alguns artifícios malignos que não utilizara ao preparar a Terra para a morada do Homem. Pandora, curiosa, resolveu um dia espiar o acervo da caixinha de Epitemeu e, quando a abriu, uma névoa de pragas, doenças e sentimentos ruins, como a inveja, a vingança, entre outros males, escaparam e invadiram toda a Terra, atingindo diretamente o Homem. Pandora tentou fechar a caixa em vão, pois todo o conteúdo já havia escapulado, com exceção de uma única coisa que ficou lá, bem no fundo, a **esperança**. Assim, segundo a mitologia, sejam quais forem os males que nos ameacem, a esperança nunca nos deixa inteiramente e, enquanto a tivermos, nenhum mal se torna inteiramente calamitoso.

É claro que existem outras versões – Pandora seria uma enviada dos céus para agradar ao Homem e a caixa seria um presente de casamento do rei dos deuses. Essa caixa teria inúmeros bens, cada bem especialmente doado por um dos deuses do Olímpio. Quando Pandora abriu a caixa, todos os bens escapuliram, à exceção da **esperança**.

Passou-se a Idade do Ouro, a Idade da Prata, a Idade do Bronze, até chegar a Idade do Ferro – considerada a pior de todas. Era de crimes, de fraude, de astúcia, de violência e cobiça. A modéstia, a verdade e a honra fugiram. **A Terra, antes cultivada em comum, foi dividida entre os possuidores.** O Homem, não satisfeito com a superfície, escavou a terra e descobriu minérios e metais. Surgiu a guerra. Não existia confiança entre as pessoas. Todos os deuses, então, abandonaram a Terra, até Astréia, deusa da inocência e da pureza. A **esperança**? Jamais fugiu do mundo dos homens...

Mitologia(s), horizonte maquínico e as esferas da representação

A mitologia grega retrata os acontecimentos do mundo e a estruturação do universo através das mais belas fábulas, coroadas de heróis, deuses e mortais. Não estão presentes apenas no mundo greco-romano; a esfera mitológica também se expandiu para o mundo oriental – Zoroastro, os Hindus, Buda – e para o mundo moderno. A mitologia nórdica, os mitos dos índios americanos, a iniciação de circuncisão entre os aborígenes, os xamãs da Terra do Fogo, os sacrifícios sagrados maias, São Jorge e o dragão, as maravilhosas deusas femininas e os mistérios da sexualidade, o Graal e o caminho do meio, os infindáveis mitos de regiões diversas do Brasil – Caipora-Curupira, Boitatá, o Negrinho do Pastoreio, Saci, a Lenda da Vitória Régia – lendas indígenas da América Latina e Central, os orixás da Bahia.

Os infinitos mitos já fazem parte do mundo das artes e do imaginário coletivo. As inúmeras simbologias míticas são retratadas por pintores e escultores em períodos diversos da história da humanidade; suas fábulas são objeto de inspiração para obras de grandes dramaturgos e escritores; C. G. Jung trabalhou com muitos arquétipos e simbologias mandálicas orientais (A Flor de Ouro, por exemplo) para compreender os fenômenos dos (des) caminhos e a dissolução da consciência de seus pacientes, fora dos padrões ocidentais. Até nós, arquitetos, muitas vezes utilizamos referências arquetípicas, específicas de uma cultura ou de um lugar, como elementos catalisadores do processo criativo. Um arquétipo² pode servir de base para o desenvolvimento de um modelo ou de um tipo arquitetônico.

Com seu conceito de consciente, Freud postulou a existência de um continente escondido da psique, no interior do qual se representaria o essencial das opções pulsionais, afetivas e cognitivas. Atualmente não se podem dissociar as teorias do inconsciente das práticas psicanalíticas, psicoterapêuticas, institucionais, literárias, etc, que a elas se referem. O inconsciente se tornou uma instituição, um 'equipamento coletivo' compreendido em um sentido mais amplo. (GUATTARI, 2006, p.20-21)

Segundo Giulio Carlo Argan (2006), o tempietto de San Pietro em Montorio, de Bramante, é um projeto que se baseia em um "tipo": o templo de períptero circular descrito por Vitruvius no Livro IV, capítulo 8, porém o motor de arranque para a elaboração do edifício está interligado com a abstração de um "tipo" referenciado a um modelo histórico – o templo da Deusa Cibele, em Tívoli.³

As obras de Boullée⁴, por exemplo, são verdadeiras homenagens aos primados da geometria, referenciando-se ao arquiteto renascentista Andrea Palladio e, principalmente, ao físico Isaac Newton, suas arquiteturas louvam a perfeição da esfera enquanto expressão do Todo – uma reverência à Deusa Terra (Vesta) e aos templos redondos.

Até chegarmos às representações das máquinas imaginadas por Leonardo da Vinci, a exemplo do esboço da *máquina voadora* presente nos manuscritos do artista, mais precisamente nos *Codice Atlantico* (PEDRETI; CIANCHI, 1995). Segundo Joseph Campbell (1990), a aeronave atua como libertação da terra. É o papel simbólico que os pássaros costumavam desempenhar. Na arquitetura, também podemos vislumbrar alguns processos miméticos, tendo como base o vôo dos pássaros e a aerodinâmica, presentes na obra de Frei Otto ao projetar a Tenda Olímpica em Munique (1968-1972), membrana que consegue alcançar grandes vãos a partir das **experimentações** realizadas anteriormente na estrutura de cobertura – o Pavilhão Alemão – apresentada na Exposição Internacional de Montreal em 1967.

Já a temática da série cinematográfica Star Wars – Guerra nas Estrelas⁵ – do diretor George Lucas, encara o Estado como uma máquina. Essa máquina irá esmagar ou servir a humanidade? Eis o poder do Estado. No filme, entretanto, o "poder do mal" não pertence a nenhuma nação específica, na verdade, o poder aí é abstrato. Não existe um combate entre nações, mas são discutidos princípios, forças e poderes. As máscaras representam a força monstruosa da máquina no mundo moderno.

E o *chip* de computador? Campbell faz uma analogia interessante com a estrutura dessa máquina, relacionando-a com a mesma atitude de um líder tribal, onde todas as pequenas coisas e aparatos estão sempre se referindo a um Deus. Deus, então, estaria também no computador? É como se existisse uma hierarquia de anjos sobre as placas e os pequenos tubos seriam milagres. *Softwares, bits, bytes, gígas*, configurações, janelas, memórias, telas sensoriais. Todo um conjunto de

sinais existentes em um determinado sistema de programa conduz à realização de um dado objetivo. Cada programa tem a sua própria articulação de sinais, de plataformas de informação, de organização de dados.

É o que acontece na mitologia: ao se defrontar com uma mitologia em que a metáfora para o mistério é o pai, você terá um conjunto de sinais diferentes do que teria se a metáfora para a sabedoria e o mistério do mundo fosse a mãe. E ambas são metáforas perfeitamente adequadas. Nenhuma delas é fato. São metáforas. É como se o universo fosse meu pai, ou como se o universo fosse minha mãe. Jesus diz: 'Ninguém chega ao pai senão através de mim'. O pai de que ele falava é o pai bíblico. Pode ser que você somente chegue ao pai através de Jesus. Por outro lado, suponha que você escolhesse o caminho da mãe. É simplesmente outro caminho para chegar ao mistério da vida. É preciso entender que cada religião é uma espécie de programa com seu conjunto próprio de sinais, que funcionem. (CAMPBELL, 1990, p. 21)

Essas reflexões acerca do universo simbólico da mitologia nos levam há uma questão crucial para o entendimento do princípio esperança na nossa contemporaneidade: o mundo da **representação**. A mitologia, as lendas, os arquétipos, as representações, as convenções, os códigos ou os modelos possuem um forte componente simbólico. Podem explicar fenômenos da natureza, dar sentido às coisas no mundo ou ainda serem agentes catalisadores para o conhecimento e, quem sabe, propulsores de transformações do mundo em que vivemos. Segundo Roland Barthes (1993), para o discurso mítico, os signos tornam-se novamente significantes, sendo re-significados a partir do discurso que o reinscreve, e tal prática tem um significado político. Como podemos, então, utilizar a esperança e a utopia como motores de ação concreta, como sugeria Ernst Bloch? Como podemos representar a esperança? O que ela significa de fato? Como operar o **devir-esperança**? Em bando ou individualmente? Como nos **posicionamos eticamente** nesse mundo perante essas questões? A esperança ainda é um dos grandes mistérios da humanidade ou trata-se, simplesmente, de um pressuposto do Tempo, uma espera, uma condição meramente humana, como diria Kant? E se Pandora não tivesse aberto a tal da caixa? O que esses arquétipos querem nos revelar? Enganar-nos ou nos envolver em um mundo de fantasias e ilusões?

A pirâmide de Gizé, por exemplo, é representada no Grande Selo dos Estados Unidos. A representação central e que aparece no topo da pirâmide é o olho de Deus. O Deus da razão. Uma nação que se edificou sob esse aspecto, com base na razão. No Egito, a pirâmide representa a colina primordial. Após a cheia anual, quando as águas do Nilo começam a recuar, a primeira colina simboliza o nascimento do mundo. É exatamente o que o Grande Selo representa para os americanos.

Martin Luther King deu sua vida por algo maior que ele mesmo. Chico Mendes também. São os "reais mitos" heróicos. Porém, todos somos heróis ao nascer, pois enfrentamos uma tremenda transformação psicológica e física – um rito de passagem

– onde nos metamorfoseamos de criaturas aquáticas, que vivem no fluido amniótico, à condição de mamíferos, que respiram oxigênio no ar e depois, pasmem, erguem-se sobre seus próprios pés!

A saga de Dom Quixote, por exemplo, o último herói da Idade Média, se passa em uma época na qual surge uma interpretação mecanicista do mundo, um ambiente de moinhos de vento. “Atualmente [...]”, responde Joseph Campbell em uma entrevista nos idos de 1985,

[...] o mundo se tornou tão absolutamente mecanicista, tal como interpretado pelas ciências físicas, pela sociologia marxista e pela psicologia behaviorista, que **não passamos de um padrão previsível de esquemas que reagem a estímulos**. Essa interpretação, formulada no século XIX, **baniu da vida moderna todo livre-arbitrio**. (CAMPBELL, 1990, p.138, grifo nosso)

O momento exige uma pausa, pois será que sempre existiu essa liberdade de arbitrar? Preferimos entender que, historicamente, existiu certa “liberdade condicionada” muitas vezes balizadas entre “ou isto ou aquilo”, condicionada pelos poderosos e por aqueles que aceitam a condição imposta. O ser que está à margem, excluído socialmente e economicamente, por exemplo, que liberdade tem para opinar ou tomar certas decisões? Até as pessoas que têm certo grau de instrução, de cultura e habitam uma esfera social mais privilegiada na questão dos acessos e das oportunidades, muitas vezes também são condicionadas a tomar certas posturas. Há quem diga que “essa questão de livre arbítrio é pura criação teológica para justificar as escolhas entre o Bem e o Mal, e conseqüentemente, evidenciar a recompensa ou a danação, o céu ou o inferno [...]”⁶

Na verdade, a própria existência humana têm se debatido com essas indagações e convivido com certas **máquinas sociais**⁷ que acabam impondo processos de nivelamento e homogeneização do comportamento engendrado por mecanismos sócio-tecnológicos. É como se existisse um sistema de “modelação” das subjetividades. Nesse sentido, Georg Simmel (1902; VELHO, 1976) lá no início do século XX, já se coloca a investigar de que forma a personalidade do indivíduo se acomoda nos ajustamentos das forças externas, a partir da base psicológica do tipo metropolitano de individualidade, definindo blocos de estímulos e sensações criados pela metrópole. Para Félix Guattari, a subjetividade não é fabricada apenas através das fases psicogenéticas da psicanálise ou dos “matemas do Inconsciente”, mas também pelas grandes máquinas sociais, *mass-midiáticas*, lingüísticas, que não podem ser qualificadas de humanas. Na contemporaneidade, as transformações tecnológicas acabam nos obrigando a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade – é a tal da produção maquinica da subjetividade e os aparelhos sociais de controle.

Como a metrópole sempre foi a sede da economia monetária, essa relação também acaba se vinculando ao domínio do intelecto humano, uma vez que estamos em meio a um bombardeio de seduções, informações, consumo, *marketing*. É preciso, portanto, fortificar esse intelecto criticamente no sentido até de se criar certa proteção da vida subjetiva frente ao poder avassalador da vida metropolitana.

Entretanto, tal evolução maquínica não pode ser julgada nem positiva nem negativamente; tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação. O melhor é a criação, a invenção de novos Universos de referência; o pior é a mass-midialização embrutecedora, à qual são condenados hoje em dia milhares de indivíduos. As evoluções tecnológicas, conjugadas a experimentações sociais desses novos domínios, são tão capazes de nos fazer sair do período opressivo atual e de nos fazer entrar em uma era pós-mídia, caracterizada por uma reapropriação e uma re-singularização da utilização da mídia. (GUATTARI, 2006, p.15-16)

Voltemos, então, à esperança. Talvez possamos aprender algo com o mestre Campbell (1990, p. 157) quando ele recomendava a seus alunos: “Vão aonde o seu corpo e a sua alma desejam ir. Quando você sentir que é por aí, mantenha-se firme no caminho, e não deixe ninguém desviá-lo dele”. É claro que, em função das eternas mudanças na qual estamos expostos, possamos nos deixar seduzir por inúmeras referências e novos modos de pensar ao longo da nossa estrada e... mudar de rota; procurar a bem-aventurança em outras plagas. Mas é uma escolha que devemos fazer de corpo e alma, tentando escapar ao máximo das máquinas de captura e das padronizações impostas pelo *mass-mídia*. Nesse sentido, essa citação de Campbell é um sutil convite a exercer a esperança perante um posicionamento crítico que devemos tomar diante do mundo. Mais do que um posicionamento crítico, um **posicionamento ético**!⁸ São os valores, a nossa visão de mundo formulada através dos vários estratos dos saberes e da subjetividade que alavancarão possibilidades de utilizar a esperança como instrumento de resistência e luta perante as padronizações e mecanizações típicas da sociedade contemporânea.

Os campos de análise sobre a cidade, inclusive, não podem ser vistos apenas pelo viés científico. Quais conceitos são atualizados nos discursos científicos? Que formas de pensar orientam as proposições, enunciados e tais lógicas discursivas? Onde ficam as sensações e os perceptos? E as interfaces com a arte e a filosofia? A cidade não se apresenta como um organismo coeso, nem tão pouco obedece a uma doutrina unívoca, portanto também não obedece a sistemas universais ou concretizações unilaterais. As cidades são múltiplos platôs, de estratificações variadas, de agenciamento de diversas forças – totalidades segmentárias⁹.

Devemos, então, tomar posturas enquanto máquinas de guerra frente às máquinas contemporâneas de captura?¹⁰

Sociedade de controle, esperança e desejo: princípio de incerteza?

A esperança [...] a espera, a expectativa, a crença, a fé. Refletir acerca de um princípio-esperança acaba nos remetendo à concretização de um desejo. Bem, não necessariamente a concretização, como se todo o porvir pudesse ser materializado, mas a satisfação de um desejo pode implicar em uma relação bastante forte com a esperança. Também podemos falar de ansiedade e de ambição. A esperança tem inúmeras facetas, muitas delas inimagináveis e variam de acordo com os interesses de cada indivíduo ou de grupos distintos de uma sociedade ou comunidade (todos não temos um pouco de desejo pelo poder?). Falar de esperança é falar em alguma espécie de crença, de uma convicção que pode estar atrelada a uma relação completamente subjetiva. Um princípio que nos leva sempre a um processo de transformação. A esperança tem uma conexão muito particular com a metamorfose (pelo desejo, pela utopia ou pela materialização). Só que, todo processo de transformação, seja de ordem coletiva ou de ordem individual, estará ligado à sedimentação do saber e a forma de pensar. Saber e pensar podem caminhar em direção a uma postura ética – a visão de mundo – que nos leva a tomar um posicionamento perante as condições nas quais vivemos na sociedade. Esse posicionamento ético pode ser balizado pelas lutas que travamos, pelas revoluções que empregamos nas pequenas atitudes do dia-a-dia, pelo respeito às nossas próprias convicções, pela resistência às ordens pré-estabelecidas. Uma posição ética, uma postura coerente perante o mundo é uma arma, é uma máquina de guerra, é uma forma de resistência às máquinas de captura. Ter esperança não é ficar esperando de forma omissa e passiva que o mundo se transforme ao nosso redor, mas utilizarmos esse sentimento como uma espécie de energia, de motor de arranque, que nos fortalece e nos faz persistir na luta, operar focos de resistência de maneira dinâmica e ativa. Essa é a esperança que interessa. Esperança é, portanto, um conceito, e o conceito precisa ser pensado e atualizado em nossos discursos (teoria) e em nossas ações (prática); precisa também ser refletido, fabricado, pois não se trata de um saber legitimado, mas que se transforma em função de situações diversas e que pode assumir sentidos bem diversificados.

Deveríamos nos abrigar da esperança como algo positivo, uma força-motriz que engendra acontecimentos. Não há como garantir acontecimentos futuros. Falar de esperança é também engendrar novas conceituações sobre a relação espaço x tempo. Um **devir-esperança** não se opera em termos de passado e futuro. Um **devir-revolucionário** é indiferente às questões de um futuro ou de um passado da revolução; ele passa *entre* os dois, não exatamente no presente, mas no **instante...** São posições!

No mundo contemporâneo, as distâncias ficaram “mais curtas” com a implementação do transporte aéreo, o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, o uso mais contínuo da internet, os processos de virtualidade e a introdução dos **Sistemas de Posicionamento Global (GPS)**. O território opera por outras lógicas, desencadeando outros tipos de “esqueletos estruturais” muito mais relacionado às dinâmicas efêmeras, mutantes e mais velozes, gerando novas formas de concentração e de sucessão relacionadas à **disjunção entre espaço e tempo**, tanto em nossos ambientes construídos como na reorganização das populações nas cidades. As noções de dimensão e proximidade não ficam mais restritas somente ao espaço físico e a cidade acaba sofrendo severos efeitos de uma economia multinacional gerando outra “reorganização urbana” em todas as suas esferas – novas formas de circulação, novos fluxos, novas conexões de fluidez e mobilidade, novas fronteiras (VIRILIO, 1993).

Segundo o antropólogo Massimo Canevacci (2005), na metrópole comunicativa e imaterial, difundem-se o consumo, a cultura, os estilos, o híbrido, a montagem [...]. O capitalismo é informacional, operando em redes e na dispersão. O marketing é um dos instrumentos de controle social, a comunicação é instantânea e o poder é difuso, ilimitado e veloz. Na verdade, as inúmeras formas de poder e micro-poder são mais sofisticadas e regulam os elementos imateriais da sociedade: informação, conhecimento e comunicação. O controle? O controle é generalizado e multilateral. As empresas controlam os clientes. As Organizações Não-Governamentais (ONGs) tentam controlar o governo e as empresas. Os governos tentam controlar os cidadãos e os cidadãos controlam a si mesmos, pois precisam estar atentos ao que fazem.

*É nas novas tecnologias e nos sistemas de comunicação que se deve procurar os sintomas que irão indicar os caminhos do urbanismo como modo de vida (VELHO, 1976; WIRTH, 1976) – em algumas das cidades do primeiro mundo, os níveis tecnológicos de informação e comunicação e participação da comunidade na administração municipal fazem com que elas sejam denominadas “cidades virtuais”, a exemplo de Amsterdã, Bolonha, entre outras. A sociedade do controle opera assim: em curto prazo, em alta rotação, continuamente e ilimitadamente... É a tal da **coleira eletrônica contemporânea**. Quando nos cadastramos na Internet, por exemplo, não temos uma identidade, mas um perfil. Hoje, o rastreamento das informações já é possível, assim como a construção de padrões e associações entre dados. Segundo o professor Rogério da Costa (2006), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o reconhecimento de padrões está diretamente ligado à mudança nos métodos de controle das ações individuais. Hoje, somos humanamente definidos como membros de múltiplas redes. Somos reconhecidos pelo Cadastro de Pessoa Física (CPF). Operamos através de infinitas senhas. Só*

nos falta ser introduzido um chip de localização e de reconhecimento, tal qual nas mercadorias expostas no supermercado. Nos códigos de barra estão inscritos os nomes e sobrenomes da mercadoria; individualiza o produto, mas ao mesmo tempo guarda inúmeras informações.

Como a esperança, então, se comporta frente a essa nova lógica volátil? A esperança é, portanto, um conceito incorporeal e intemporal. É invisível, não está subentendida no mundo da representação. É um sentimento (talvez um afeto, um estilo de vida), é subjetiva (enquanto construção da subjetividade individual e coletiva, pois a grande maioria tem esperança de ganhar na sena, de comprar um carro novo, de adquirir bens de consumo, etc. – há sempre esperança de melhorar na vida. E os que podem e têm tudo, esperam ter ainda mais). Está no campo virtual, mas também presente na visão de mundo em relação aos nossos conhecimentos e forma de pensar e, neste sentido, a esperança é igualmente real. A questão não é se temos ou não esperanças, mas de que maneira nos relacionamos com o conceito da esperança, de que maneira nos relacionamos com a vida, como atualizamos este conceito em nossos discursos e práticas, no que dizemos e fazemos. A esperança não é. Ela está nas relações com o estado de coisas de um dado momento ou de um assunto determinado. Podemos fabricar a esperança? De que modo podemos utilizá-la como motor de arranque para nossas lutas e nossas pequenas revoluções? Não existem conceitos isolados. Portanto, não existe certa esperança propriamente dita, ela também não transita de maneira isolada e deve estar articulada com um cataclismo de coisas. A esperança pode estar em um turbilhão, em uma convulsão de acontecimentos. **Devir-esperança.**

O que são os “devires”? O devir não resulta de uma árvore genealógica hierarquizada e nem atende a uma relação linear de causa e efeito, mas de um processo rizomático, da coexistência de multiplicidade de elementos heterogêneos. Ou seja, uma linha de devir não se define pelos pontos que ela liga nem pelos pontos que ela compõe – inversamente, a linha de devir passa *entre* os pontos, cresce pelo *meio*. Ela não tem começo nem fim. Tal qual os mitos, pois o que interessa no universo mítico não é a origem das coisas mas o seu valor. Todo devir é um bloco de coexistência e consiste em uma zona de vizinhança.

O **devir-esperança** é uma máquina de guerra¹¹. A máquina de guerra é sempre exterior ao Estado; quando o Estado se serve dela, e dela se apropria, ela deixa de ser uma “máquina de guerra”, pois é sobrecodificada, cooptada. Fazer *front* é fugir das políticas de agenciamentos formulados pela família, pela religião, pelo Estado e, agora, pelas corporações e pelos poderes invisíveis – é romper com essas instituições¹². “O homem de guerra tem todo um devir que implica multiplicidade,

celeridade, ubiqüidade, metamorfose e traição, potência de afeto.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 24).

Os paradigmas da modernidade ainda se sustentam na Filosofia de Descartes e na Física de Newton: racionalismo e determinismo. No entanto, a Física Quântica nos diz que não é possível separar cartesianamente, por exemplo, a natureza e a informação que se tem sobre ela. É como se existisse uma conexão entre todas as coisas, entre consciência e realidade. O *jazz*, por exemplo, seria uma expressão humana quântica, pois os músicos improvisam estratos melódicos com seus instrumentos, dentro de regras harmônicas, mas não se sabe exatamente a intensidade e o resultado da improvisação. O físico alemão, Werner Heisenberg, estabeleceu o **princípio da indeterminação** ou **princípio da incerteza**, onde se pode conhecer a posição exata de uma partícula ou a sua velocidade, mas não as duas coisas ao mesmo tempo. Impossível saber, por exemplo, onde se encontra exatamente um elétron.

Mas, porque estamos falando sobre física? Porque, com o desenvolvimento desse princípio, abrem-se várias reflexões sobre a forma como vemos o mundo. Não podemos prever acontecimentos com precisão, pragmaticamente. Isso não quer dizer que não podemos criar utopias ou planejar o futuro, muito pelo contrário, é fundamental fomentar sonhos, alçar maiores vôos sem limites ou repressões. Essa riqueza de criação e de exercício intelectual – pensar o mundo – também é um dos catalisadores do próprio **princípio esperança**. Grandes projetos paradigmáticos da história da arquitetura, por exemplo, nunca foram construídos (*Carceri d’Invenzione* – Piranesi / *Monumento à Terceira Internacional* – Tatlin / *Cenotáfio a Newton* – Boullée / As cidades dinâmicas imaginadas pelo grupo Archigram / os experimentos dos Futuristas), mas influenciaram várias gerações de arquitetos, não pela materialização, mas pelos pensamentos que as originaram e pelo caráter de transgressão. Porém, convivemos com a imprevisibilidade; engendramos possibilidades de mudanças, simultaneidades, mas nunca certezas.

Você tem fome de quê?

Penso que talvez seja complicado para um indivíduo travar uma relação íntegra e direta com a sua própria esperança diante o mundo que o cerca se, esse indivíduo, por acaso, estiver com a barriga vazia. A fome é uma das maiores crueldades que um ser humano pode sofrer. A pior fome deve ser a própria fome biológica, que também atinge indiretamente a psique e os substratos da consciência dos seres humanos, e se constitui em uma das mazelas da sociedade, principalmente em

países miseráveis, a exemplo da Etiópia, Somália, Sudão, Uganda, Zâmbia, entre outros.¹³ Como aquele povo pode ter esperanças, pelo amor dos deuses? Crianças famintas, em pele e osso, mães que não conseguem fabricar uma só gota de leite – alimento natural e saudável que supre todos os nutrientes necessários a um bebê até os primeiros seis meses de idade – esse leite é uma arma contra a fome e contra outros processos infecciosos, por isso é tão aconselhável principalmente para populações que vivem em áreas de risco, como regiões que não tem acesso a água potável, por exemplo. O leite materno, além de substituir qualquer alimento, também substitui a própria água para bebês nessa fase da vida.

A fome não é mais um dado ocasional ou isolado, mas um dado generalizado e permanente. Cerca de 815 milhões de pessoas espalhadas pelos diversos continentes passam fome. Muitos já estão atingidos pela subnutrição crônica, principalmente mulheres e crianças. É uma realidade cruel e chocante ocasionada pelas profundas desigualdades na distribuição de riqueza do planeta. De acordo com a agência da Organização das Nações Unidas (ONU), há previsões que em 2015 mais de 420 milhões de pessoas estarão vivendo abaixo da linha da pobreza somente nos países de terceiro mundo. Enquanto um cidadão suíço gasta U\$61 dólares por dia, em algumas regiões da África parte da população tem um consumo diário de apenas 57 centavos de dólares. Infelizmente esses índices estão piorando a cada ano. Segundo o diretor geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), 54 milhões de pessoas passam fome na América Latina e Caribe. Só no Brasil, são 14 milhões de subnutridos.

Transversalmente, celebridades, burgueses e políticos posam em suas ricas mansões, desfilam em seus luxuosos carros e ainda defendem um discurso de igualdade social. Sem justiça social? Impossível! Entre discursos entoados em campanhas nacionais de combate a pobreza (muitos utilizam essas campanhas para promover suas imagens – seriam campanhas de combate à pobreza, disfarçadas de campanhas publicitárias?), cobrando o assistencialismo da classe média da sociedade, seria interessante que essas mesmas pessoas públicas oferecessem distribuir suas próprias riquezas acumuladas e dividir seus bens, pois é exatamente essa desigualdade social que gera os desequilíbrios de acessibilidade a serviços tão primários, principalmente por parte das populações menos assistidas.

Agora se fala muito num terceiro setor, em que as empresas privadas assumiriam um trabalho de assistência social antes deferido ao poder público. Caber-lhes-ia, desse modo, escolher quais os beneficiários, privilegiando uma parcela da sociedade e deixando a maior parte de fora. Haveria frações do território e da sociedade a serem deixadas por conta, desde que não convenham ao cálculo das firmas. Essa “política” das empresas equivale à decretação de morte da Política. (SANTOS, 2000)

Essa morte da política, colocada por Milton Santos, denota o enfraquecimento do poder do Estado e o empobrecimento das relações sociais através do crescimento desenfreado do neoliberalismo e dos oligopólios. No caso do Brasil, por exemplo, grande parte das principais cidades acabou crescendo sob a égide da *urbanização corporativa*, sistema pelo qual as cidades são planejadas em função dos interesses das grandes firmas e de uma expansão capitalista que tenta absorver o máximo possível dos recursos públicos em benefícios próprios. Quanto mais esse sistema de investimentos na cidade estiver à mercê dos empreendimentos privados e voltados para inúmeros interesses de grupos hegemônicos e monopolistas, menos investimentos serão inseridos e aplicados em programas sociais (SANTOS, 1993). Nesse processo de intensa especulação sobre a cidade, uma série de categorias espaciais é colocada em xeque: o sistema de transporte, a infra-estrutura urbana, a regularização fundiária, etc. Entra-se num círculo vicioso de “periferização” da população através de um modelo de centro-periferia, onde os vazios urbanos são objeto de especulação e, conseqüentemente, agrava-se as possibilidades de acesso à terra e à habitação.

Nesse sistema, os aparelhos do Estado ficam reféns das corporações e multinacionais, muitas vezes defendendo os interesses dessas. As empresas se apóiam em **estratégias de marketing urbano**, embriagadas pelo *cultural turn*, por *grifes* e arquiteturas espetaculares, além dos empresarismos governamentais. Segundo Carlos Vainer (2000), a cidade se articula através de três analogias: cidade-mercadoria; cidade-empresa; cidade-pátria. Esse novo projeto de cidade é apropriado por interesses empresariais e o discurso instaurado é de que essa estratégia é o único meio eficaz para atender aos ditames impostos pela globalização às cidades e aos poderes locais.

O aumento da classe média é fundamental para a operação desse sistema, pois é uma classe que acaba sustentando esse círculo vicioso, uma vez que faz parte do instrumento de circulação, de produção e, claro, de um amplo mercado consumidor. É uma classe social cada vez mais despolitizada (ou que adota uma política conservadora, pois há política em tudo enquanto relações de forças) e desmobilizada que ficou condicionada a exigir benefícios e não direitos.¹⁴ Uma classe cooptada. Nesse sentido, muitos setores ficam fragilizados e não há espaço para caminhos alternativos fora do *status quo*. Os pequenos proprietários não conseguem fazer *front* às grandes empresas. O país é tomado por uma ideologia do crescimento, baseado em dados e índices puramente econômicos em função dos processos de industrialização (sabe-se que nos tempos atuais as grandes indústrias multinacionais estão se instalando em massa nos países de terceiro mundo, tendo aí parte de suas bases de operação), abrindo-se cada vez mais ao mercado internacional,

enquanto transversalmente crescem também os índices de pobreza e desigualdade social.

[...] o capitalismo do século XIX é de concentração, para a produção, e de propriedade. Por conseguinte, erige a fábrica como meio de confinamento, o capitalista sendo proprietário dos meios de produção, mas também eventualmente proprietário de outros espaços concebidos por analogia (a casa familiar do operário, a escola). Quanto ao mercado, é conquistado ora por especialização, ora por colonização, ora por redução nos custos de produção. Mas atualmente o capitalismo não é mais dirigido para a produção, relegada com freqüência à periferia do Terceiro Mundo, mesmo sob as formas complexas do têxtil, da metalurgia ou do petróleo. É um capitalismo de sobre produção. Não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados, ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. Por isso ele é essencialmente dispersivo, e a fábrica cedeu lugar à empresa. (DELEUZE, 1992, p. 223-224)

As conquistas de mercado se fazem por tomada do controle e não mais por formação de disciplina. O *marketing* é agora o instrumento de controle social. **O consumo é o novo fundamentalismo.** Karl Marx já havia postulado acerca da esfera do consumo (coletivo ou individual) e advertido para o dia em que tudo na sociedade teria valor venal. Já sabemos que o discurso imposto pelo *mass-mídia*, pelos programas de televisão, pelas corporações e pelas esferas governamentais é uma das formas de “controlar” a revolta da população. Carnaval, samba, futebol e cerveja! Pão e circo! É essa a paz que queremos?

Por outra revolução

A revolução não é do campo da razão, mas do campo da paixão¹⁵

Francisco Oliveira

Entre rotas e destinos, estamos imersos no berço do tão falado, do tão esperado, do tão vislumbrado, do tão cultuado, do tão profetizado [...] século XXI. O que mudou? Quais foram as transformações mais impactantes ocorridas nas diversas civilizações? Devemos absorver a imagem representada do mundo (aquela que tentam nos impor – claro, imagens lambuzadas de vaselina) ou fomentar a construção de um outro mundo possível? São questões intensamente discutidas e historicamente pontuadas, mas com motores de arranque bem distintos. O sonho de um mundo humanitário, solidário, igualitário e livre sempre fez parte do imaginário dos principais movimentos revolucionários da história de diferentes tipos de sociedades. Muitos movimentos sociais populares, por exemplo, tiveram apoio de influentes intelectuais, porém esses mesmos intelectuais não têm conseguido se manifestar

e, sobretudo, se manifestar de maneira mais atuante como em outros períodos.
Por que será?

O terrível é que, nesse mundo de hoje, aumenta o número de letrados e diminui o de intelectuais. Não é este um dos dramas atuais da sociedade brasileira? Tais letrados, equivocadamente assimilados aos intelectuais, ou não pensam para encontrar a verdade, ou, encontrando a verdade, não a dizem. Nesse caso, não podem se encontrar com o futuro, renegando a função principal da intelectualidade, isto é, o casamento permanente com o porvir, por meio da busca incansada da verdade. (SANTOS, 2000)

É claro que não existe uma verdade única, existem verdades assim como existem mentiras, ilusões e falsas imagens representadas. Talvez a colocação de Milton esteja voltada para a reivindicação de um posicionamento ético, por parte dos intelectuais, frente às questões do nosso tempo. E essa busca é permanente, pois é preciso estar atento! “Orai e vigiai”. Para Sartre, o intelectual deveria ser engajado – era um dever. Porém, a profissionalização acadêmica e o carreirismo dentro das universidades são considerados, por alguns “pensadores”, como um dos fatores que contribuíram para o declínio do “verdadeiro” papel do intelectual. Mas, se nos reportarmos a alguns movimentos urbanos, desde as mobilizações de maio de 68, onde os estudantes se uniram aos trabalhadores em busca de melhores condições de vida e exigiram, efetivamente, direitos, verificaremos que as massas iniciam processos de tomada de consciência independentemente do posicionamento de aliados mais “eruditos”, embora o poder constituinte barre esse tipo de saber. Pode ser que o desencantamento frente às transformações perversas do capitalismo, aliado às imposições típicas do nosso tempo, como a competitividade e o utilitarismo, por exemplo, leve à “mudez” do intelectual. A tristeza? Talvez [...]

Michel Foucault: [...] quando se luta contra a exploração, é o proletariado que não apenas conduz a luta, mas define os alvos, os métodos, os lugares e os instrumentos de luta; aliar-se ao proletariado é unir-se a ele em suas posições, em sua ideologia; é aderir aos motivos de seu combate; é fundir-se com ele. [...] as mulheres, os prisioneiros, os soldados, os doentes nos hospitais, os homossexuais iniciaram uma luta específica contra a forma particular de poder, de coerção, de controle que se exerce sobre eles. Estas lutas fazem parte atualmente do movimento revolucionário, com a condição de que sejam radicais, sem compromisso nem reformismo, sem tentativa de reorganizar o mesmo poder apenas com uma mudança de titular. E, à medida que devem combater todos os controles e coerções que reproduzem o mesmo poder em todos os lugares, esses movimentos estão ligados ao movimento revolucionário do proletariado. Isto quer dizer que a generalidade de luta certamente não se faz por meio da totalização de que você falava a pouco, por meio da totalização teórica, da ‘verdade’. O que dá generalidade à luta é o próprio sistema do poder, todas as formas de exercício e aplicação do poder. Gilles Deleuze: [...] **Toda defesa ou ataque revolucionário parciais se unem deste modo à luta operária.** (FOUCAULT; DELEUZE, 2006, p. 272-273, grifo nosso)

Os embates de grupos minoritários são focos fundamentais de resistência, embora, atualmente, não consigam grandes mobilizações e concentração enquanto espaço

de reivindicação como nos movimentos engendrados nos anos 60 e 70. O movimento estudantil pode ser um desses exemplos. Hoje, o conflito político-social opera através de uma lógica mais difusa, caracterizada pela irregularidade, pelo imaterial, por diferentes formas de fazer política. Formas de política que se alinham mais ao campo da micropolítica do cotidiano presente, inclusive, em diferentes movimentos sociais; formas de luta que acontecem em momentos e situações diversas. Revoluções moleculares que não operam na totalidade, mas de uma maneira ou outra têm o poder de afetar as esferas da macropolítica.

Como produzir, então, um pensamento fora dos ditames hegemônicos? Ainda mais quando os parâmetros predominantes relacionam-se diretamente com o signo da velocidade? Tem um artigo muito interessante escrito por Milton Santos, chamado *Elogio da lentidão*, onde o autor fala exatamente sobre essa corrida desesperada por atualizações a qualquer custo, onde a velocidade passa a ser uma necessidade e a pressa uma virtude. As grandes empresas ganham dimensões planetárias e a tecnologia passa ser o novo credo. Porém, a velocidade não está ao alcance de todos – em função das necessidades empresariais, a velocidade e as tecnologias *up-to-date* se colocam a serviço das grandes firmas, arrastando a política dos Estados e das instituições supranacionais.

Somos escravos do tempo. Vários lugares acabam sendo contaminados pela hegemonia da metrópole onipresente. A ordem econômica, como já vimos, é imposta pelas grandes corporações. Como fugir, então, do *stablishment*? Como propor mutações?

A cidade também tem lá suas defesas e suas máquinas de guerra. Inclusive, essa mutação já vem acontecendo, naturalmente. É só assistirmos mais de perto o processo de urbanização concentrada nas grandes cidades, através das modificações da divisão e relações de trabalho e no crescimento do mercado informal. A própria população, excluída e marginalizada, elabora suas próprias regras. A grande massa acaba criando por seus próprios meios, sem um modelo pré-estabelecido; constituem uma espécie de universo paralelo fora de organismos institucionalizados. Os fluxos e a movimentação dos habitantes nas cidades também criam novos pólos de força na urbanidade, determinando novas linhas de fuga e processos de “desterritorialização”. Uma “nomadologia” – nordestinos, ciganos, andarilhos, sem-teto, os errantes urbanos¹⁶ – o corpo como indutor desses novos agenciamentos.

As metrópoles são arenas de coalizão de forças e de diferenças, abrigando toda essa gama de multiplicidades de ações e de vários modos de vida. São formações históricas heterogêneas, onde inúmeras correntes se desdobram e se convergem, em momentos e períodos diversos. Coexistência de diferenças. São aspectos

atraentes, porém instrumentos como a tecnologia e o acesso à informação ainda não são democratizados; ao contrário, a informação que se passa para a população, na maioria das vezes, é manipulada. Há um processo perverso de concentração geográfica das tecnologias, das atividades industriais, dos poderes, da educação e da renda. Essa é uma das realidades dolorosas a qual estamos condicionados, enquanto cidadãos excluídos e marginalizados do terceiro mundo (apesar das ilhas de primeiro mundo que por aqui costumamos encontrar).

Esse povo sofrido já está tão cooptado e esmagado pelo sistema que acaba resistindo por uma questão de sobrevivência. O homem atual não está mais confinado, o homem atual está endividado. A miséria implementada pelo capitalismo ao longo da história, no qual $\frac{3}{4}$ da população mundial está pobre demais para a dívida e numerosa demais para o confinamento, já está gerando explosões nos guetos e favelas¹⁷ e dissipação de fronteiras – questões que o “controle” terá que enfrentar (DELEUZE, 1992, p. 224). É a tal revolução gerada de “baixo para cima”, retratada por Milton Santos na análise do processo de globalização.¹⁸

Mas, será que a igreja também não é um instrumento de controle da grande massa da população brasileira? Quantas novas igrejas evangélicas surgem em cada esquina, tomando os espaços de centros culturais, teatros e cinemas? Outro dia ouvi uma moça bem educada e bem informada, típica cidadã de classe média, dizendo que era um alívio ver tantas igrejas crescendo nas grandes cidades. Não entendi muito bem e, ingenuamente, perguntei por quê. Aí ela me falou que é muito mais interessante esse “povo todo” formado por desocupados e analfabetos (palavras dela) freqüentar as igrejas do que sair por aí roubando, matando ou tomando “cachaça” [...]. Que devíamos agradecer aos pastores... Acabei me lembrando da célebre frase: “quanto maior o amor, maior o sofrimento”. A representação do Deus todo-poderoso a dominar, a vigiar e a punir os homens! Os jovens hegelianos há muito tempo já criticavam o cristianismo e as bases da teologia, onde a essência humana revelada pela religião seria subordinada e totalmente alienada: “é somente a miséria humana que produz o nascimento de Deus”. É como se a pobreza e a miséria difundida pelo capitalismo fossem justificáveis.

Lembram-se do *Planeta dos Macacos*? O filme retrata o elo perdido entre o homem e o macaco. Astronautas chegam a um planeta habitado por macacos inteligentes no ano 3978, no qual os homens são criaturas escravizadas. Teria o macaco evoluído do homem? Porque o ser humano teria destruído a sua própria civilização? Ficções à parte, algumas questões pontuadas no filme nos levam a refletir sobre os processos de dominação ao longo da história e como as esferas do poder dominante manipulam informações e bloqueiam acessibilidades.

Para onde caminha a humanidade? Qual será o nosso destino? São questionamentos bastante comuns e nem sempre previsíveis [...]. Em meio a esse capitalismo selvagem, a valorização das atividades humanas ainda estará relacionada com a quantidade de trabalho incorporado à produção de bens materiais? Seremos eternos escravos do sistema, do tempo, de nós mesmos? Ou será possível superar as imposições engendradas pelo capital e pelo *mass-mídia*? “A produção da subjetividade humana e maquinica é chamada a superar a economia de mercado fundada no lucro, no valor de troca, no sistema dos preços, nos conflitos e lutas de interesse” (GUATTARI, 2006, p.164).

E a cidade do futuro, conseguirá superar esse dilema? Quais as revoluções possíveis? Entre cidades subjetivas e artificiais – Disneylândias, Las Vegas e Dubailands – para além da relação entre o espaço construído e os territórios existenciais da humanidade, será necessário re-polarizar a política, no sentido de tentar preservar a própria existência humana? Não se trata mais apenas da busca de uma melhor qualidade de vida, mas da própria vida porvir na Terra e a sua relação com a **biosfera** – catástrofes naturais, energias não renováveis, matérias-primas em extinção, aquecimento global, superpopulações (de pessoas e de automóveis), fome – a sobrevivência da própria cidade. São cruzamentos inevitáveis e que teremos que dar conta. O arquiteto está imprensado “entre o nomadismo caótico da urbanização descontrolada ou unicamente regulada por circunstâncias tecnocráticas e, por outro lado, entre seu próprio nomadismo mental se manifestando através de sua projetualidade diagramática” (GUATTARI, 2006, p.178).

Metamorfose e arte: uma saída?

[...] as grandes paisagens têm, toda elas, um caráter visionário. A visão é o que do invisível se torna visível [...] a paisagem é invisível porque quanto mais a conquistamos, mais nela nos perdemos. Para chegar à paisagem, devemos sacrificar tanto quanto possível toda determinação temporal, espacial, objetiva; mas este abandono não atinge somente o objetivo, ele afeta a nós mesmos na mesma medida. Na paisagem, deixamos de ser seres históricos, isto é, seres eles mesmos objetiváveis. Não temos memória para a paisagem, não temos memória, nem mesmo para nós na paisagem. Sonhamos em pleno dia e com os olhos abertos. Somos furtados ao mundo objetivo, mas também a nós mesmos. É o sentir. (Cézanne)

Gregório Samsa, caixeiro-viajante, acordou inseto. Na verdade, acordou barata. E pensou: “que acontecerá se eu continuar dormindo um pouco mais e me esquecer de todas as fantasias?” Impossível! As reflexões sobre sua condição humana o conduziram para os ponteiros do relógio – hora de acordar! Atormentado pelo sono e pela fome, não conseguia se mexer, quem dirá deslocar-se. Quais as linhas de fuga possíveis? Como é desconcertante essa situação de um devir-animal! Como

podemos parar de desejar? Às vezes somos tão massacrados pelo sistema que acabamos nos alienando tanto que até o desejo passa a ser um “objeto de luxo”. Como fugir dessa situação?

Franz Kafka retrata o desespero do homem perante os absurdos do mundo. E nos coloca em alerta! Precisamos assumir outra postura, outra posição corpórea mesmo, andar por outros lugares, buscar outro ponto de vista para compreendermos melhor a heterogeneidade do mundo e as infinitas possibilidades de transformação. Esse é um processo que podemos iniciar a qualquer tempo, em qualquer período. O próprio princípio esperança pode ser um impulso para um processo de metamorfose. É um dever associado a um saber contemplativo.

De quais maneiras podemos trabalhar essa percepção? Pelos infinitos *devires*? A arte também pode ser um elemento de transformação? “A relação com este mundo torna a música um sismógrafo social, ela reflete fraturas sob a superfície social, expressa desejos de transformação, convida à esperança. [...] O som exprime o que ainda está mudo no ser humano.” (Ernst Bloch).

Félix Guattari (2006, p.115) diz que é nas trincheiras da arte que se encontram os núcleos de resistência dos mais conseqüentes ao rolo compressor da subjetividade capitalista. Não se trata de fazer dos artistas os novos heróis da revolução, as novas alavancas da história, mas a arte evoca toda uma criatividade subjetiva que atravessa os povos e as gerações oprimidas, os guetos, as minorias.

A obra de arte é um ser de sensações. Um bloco de perceptos e afetos. Segundo Cézanne, a um minuto do mundo que passa, não o conservaremos sem nos transformarmos nele (cf. DELEUZE; GUATARI, 1992, p. 20). A pintura abstrata, por exemplo, convoca as forças, trabalha com o fundo traçando figuras geométricas, faz ver nelas mesmas as forças invisíveis. As forças podem empreender inúmeros gradientes de tensões – as forças de gravitação, de peso, de rotação, de turbilhão, de explosão, de expansão, de germinação – as forças do tempo (GUATTARI, 2006, p. 234).

Na arquitetura, por exemplo, os movimentos vanguardistas que cultuavam a experimentação e/ou o empirismo, romperam com padrões tradicionais do seu tempo e, quando sua arte não interessava mais à esfera do poder dominante, foram relegados à marginalização. Muitos artistas russos que fizeram parte dos Estudos Superiores Técnico-Artísticos **Vkhutemas** – o *locus* das vanguardas russas – ficaram à mingua quando do período stalinista. No entanto, os ricos experimentos do construtivismo e do suprematismo na União Soviética refletiam a esperança de um mundo mais justo. Kandinsky quando recusa a perspectiva tradicional, rompe com os fundamentos racionalistas e realistas do cubismo e foge do mundo da

representação conservadora, representando aquilo que não se vê, quebra com o estereótipo do lugar comum. Qual a visão de mundo que ele tem? Qual o seu posicionamento ético frente às suas próprias convicções? Quais suas percepções e afetos? Ele faz da sua arte instrumento de transformação do mundo que o rodeia. A arte extrapola, não é discursiva, mas tem o dom de conservar os “blocos de sensações”, enquanto duram seu suporte e materiais. A arte de Kandinsky – suas composições, seus experimentos, suas abstrações, *Der Blaue Reiter* (O Cavaleiro Azul) – é sua bandeira de luta. É o seu princípio esperança. A arte tem esse poder. Os movimentos de vanguarda sempre estiveram atrelados aos anseios revolucionários não só dos artistas, mas de um povo, de uma estrutura social. E claro, não se pode falar de vanguarda sem falar em revolução e sem falar nas infinitas relações de poder que nem sempre são tão visíveis.¹⁹ A arte, portanto, é um caminho de mudança, de transformação. Possibilidades de navegar no caos “o buraco negro suprematista de Malevich. Devir-arte! Devir-esperança! Devir-desejo!

Todos esses componentes de subjetividade social, maquina e estética nos assediam literalmente por toda a parte, desmembrando nossos antigos espaços de referência. Com maior ou menos felicidade e com uma velocidade de *desterritorialização* cada vez maior, nossos órgãos sensoriais, nossas funções orgânicas, nossos fantasmas, nossos reflexos etológicos se encontram *maquinicamente* ligados em um mundo técnico-científico que está realmente engajado em um crescimento louco. O mundo não muda mais de dez em dez anos, mas de ano em ano. Nesse contexto, a programação arquitetural e urbanística parece caminhar a passos de dinossauro. **Assim um arquiteto escrupuloso seria condenado a permanecer de braços cruzados face à complexidade das questões que o assolam?** (GUATTARI, 2006, p.159, grifos nossos)

Entre protestos, posicionamentos e cobranças de saídas, sejamos, no mínimo, escrupulosos!

Ariadne Moraes Silva, formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (1998), mestranda na área de Processos Urbanos Contemporâneos pelo PPG-AU/FAUFBA e Professora Auxiliar da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Projetos Arquitetônicos e Ensino de Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: metodologias e processos de projeção, arquitetura e arte contemporânea, avaliação pós-ocupação, crítica de arquitetura e imagens da cidade.

Notas

¹ Caos aqui não é entendido como campo da desordem, mas compreendido enquanto lugar de todas as formas, de todas as partículas e campo da criação. O espaço das coexistências e das diferenças – “o oceano da dessemelhança”.

² Segundo Jung, arquétipos são imagens psíquicas do inconsciente coletivo – um patrimônio comum de toda a humanidade. O Paraíso Perdido, o dragão, o mito de Édipo ou o próprio círculo são exemplos de arquétipos que podem ser encontrados nas mais diversas civilizações.

³ Cibele ou Réia era esposa e irmã de Saturno, também conhecida por Grã-Madre, por ser mãe dos deuses maiores, entre os quais Júpiter, Netuno, Juno, Plutão, Ceres e Vesta.

- ⁴ Étienne-Louis **Boullée** (1728-1799), arquiteto francês que, juntamente com Claude-Nicolas **Ledoux**, revolucionou o mundo da arquitetura no seu tempo ao romper com os paradigmas da época. Sua obra-prima – **Cenotáfio** a Newton – simbolizava a universalidade dos axiomas newtonianos e, ao mesmo tempo, um monumento determinado por uma criação fantasiosa, antecipando o traço da modernidade.
- ⁵ O projeto **Star Wars** é dividido em duas trilogias, uma iniciada nos anos 1970 e outra já nos anos 1990. Elas não têm uma ordem muito coesa entre si. O episódio IV, que foi o primeiro a ser lançado em 1977 chama-se “Guerra nas Estrelas”. Em 1980 é lançado “O Império Contra-Ataca” – episódio V; em 1983 surge “O Retorno de Jedi” – o sexto e último episódio. Os episódios I, II e III são lançados em 1999, 2002 e 2005 – “A Ameaça Fantasma”, “O Ataque dos Clones” e “A Vingança dos Sith”. A primeira trilogia, geralmente, é considerada a mais interessante, com inúmeras simbologias arquetípicas e questões enigmáticas que suscitam as mais variadas reflexões. George Lucas é um dos pioneiros na utilização da fotografia digital no cinema, onde personagens digitais começam a contracenar com atores reais.
- ⁶ Contribuição do professor Pasqualino Magnavita no próprio corpo do texto.
- ⁷ Para um maior esclarecimento sobre as máquinas sociais de captura e demais agenciamentos, ver: Guattari (2006, p.113-122), capítulo “Oralidade maquínica e ecologia do virtual”.
- ⁸ Esse artigo não se propõe a discutir ou conceituar a ética. No entanto, do ponto de vista da antropologia, um posicionamento ético diante de um mundo de condições e valores tão banalizados, invertidos e, poderíamos até dizer, apodrecidos, a conduta humana estaria muito além do bem e do mal. Um posicionamento ético se relaciona com princípios, posturas e juízos de valores que, muitas vezes, não correspondem àqueles que vigoram na sociedade.
- ⁹ Em oposição à uma totalidade unificadora. “Essa noção diz respeito a conjuntos de ‘Totalidades’ que se consideram e onde **coexistem** multiplicidades de elementos heterogêneos que se relacionam, se conectam, se sobrepõem, se contaminam, mantêm entre eles zonas de vizinhança, temporalidades diferentes, entre outras modalidades de relacionamento. Elementos esses que apenas coexistem em seus dinâmicos relacionamentos e conexões, num processo de Devir-outro, pois, eles não se encaixam como uma Totalidade clássica e moderna do Todo e de suas partes, à guisa de um quebra-cabeça. Nas três formas de pensar e criar, por exemplo, ocorre justamente essa coexistência, ou seja, a filosofia e seus conceitos, a ciência e suas funções e a arte com suas percepções e afetos, constituem, também, uma Totalidade segmentaria. Elas coexistem, se cruzam, se entrelaçam e fazem do pensamento uma **Heterogênese**”. (MAGNAVITA, 2007).
- ¹⁰ Ver: Deleuze e Guattari (1997b, p.11-178), volume 5, onde os autores postulam os principais conceitos acerca da máquina de guerra e do aparelho de captura.
- ¹¹ A guerra aqui não é vista enquanto um posicionamento violento, mas como uma arma de resistência ao controle; um instrumento de luta e, também, de esperança.
- ¹² O rompimento colocado aqui é metafórico. Não está se colocando em xeque a família, por exemplo, mas de que forma essa instituição tendeu, ao longo da história, disciplinar e instituir dogmas castradores da liberdade do ser humano. São as relações de vigília, punição e poder tratadas por Foucault quando da análise das sociedades disciplinares.
- ¹³ Uma área bastante flagelada pela fome é a África Austral. Somente em Malawi, 70% da sua população passa fome. Grande parte dos países africanos foi devastado por secas, cheias e, sobretudo, por guerras civis. A presença de minas e de munições não explodidas durante as guerras constitui uma ameaça permanente à reconstrução das comunidades rurais.
- ¹⁴ Florestan Fernandes fez uma colocação óbvia, mas importante, acerca da condição do povo brasileiro: “Um povo educado não aceitaria as condições de miséria e desemprego como as que temos”.
- ¹⁵ Citação de Chico Oliveira em palestra intitulada “No silêncio do pensamento único: intelectuais, marxismo e política no Brasil” proferida em Salvador, em 25/08/2005, no encontro “O silêncio dos intelectuais – cultura e pensamento em tempos de incerteza”.
- ¹⁶ Ver: Jacques (2004, 2008). Nesses artigos, a autora expõe algumas possibilidades de micro-resistências aos fenômenos de espetacularização urbana tendo, na própria experiência corporal da cidade, um território de ações moleculares engendradas pelas práticas cotidianas.
- ¹⁷ De acordo com os últimos índices noticiados pela revista Ciência e Vida, edição especial – Sociologia: As Cidades e a Sociedade - 36,6% da população urbana brasileira é “favelada” e isso corresponde a 51,7 milhões de pessoas. Na Argentina esse percentual é de 33,1% (11 milhões de pessoas). Na África esses índices são aterrorizantes: 79,2% da população urbana (41,6 milhões) da Nigéria estão assentadas em favelas, só na **Etiópia são 99,4% de favelados**. Tanzânia (92,1%), Sudão (85,7%), Bangladesh (84,7%) e Paquistão (73,6%) são alguns dos países que explodiram em termos de ocupação habitacional urbana em áreas de risco, sem infra-estrutura adequada.
- ¹⁸ Essas revoluções das massas são analisadas por alguns autores. Para Sartre, por exemplo, a revolução virá do terceiro mundo.
- ¹⁹ “Os poderes e micro-poderes enquanto rede aberta, diferente das palavras e das coisas e que são exterioridades, enquanto composição de forças, de vetores, caracterizam-se pela interioridade, portanto, são invisíveis; entretanto, os poderes fazem ver e falar”. Reflexão do prof. Pasqualino Magnavita perante a exposição apresentada.

Referências

- ABRÃO, Bernadette Siqueira. (Org.). **História da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).
- AMPARO, Pitanga. **Vanguarda russa – o grande silêncio do ocidente**. Revista AU, São Paulo: Ed. Pini, nº.133, abril de 2005, p.64-71. Entrevista cedida à Haifa Y. Sabbag
- ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (Org.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- _____. **Sobre a tipologia em arquitetura**. In: NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p.267-273.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 9. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1993.
- BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: UERJ: Contraponto, 2005. v. 1.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. 5. ed. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CABRAL FILHO, José. **Arquitetura como instrumento ético frente às tecnologias de disjunção espaço-tempo**. In: MALARD, M. Lúcia (Org.). Cinco textos sobre arquitetura. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 65-77.
- CALVINO, Ítalo. **O castelo dos destinos cruzados**. Tradução: Ivo Barroso. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1973.
- _____. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Com Bill Moyers. Organizado por Betty Sue Flowers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CASTELLS, MANUEL. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COSTA, Rogério da. **Sociedades de controle**. In: CRUZ, Jorge (Org.). Gilles Deleuze: sentidos e expressões. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. **A ilha deserta**. Tradução Luiz Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006. Edição preparada por David Lapoujade.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996. v. 3.
- _____. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997a. v. 4.
- _____. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997b. v. 5.
- _____. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. **Uma arquitetura onde o desejo pode morar**. In: NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p.165-172.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. (1846). **La ideologia Alemana**. Barcelona: Grijalbo, 1974. Cap. I – Feuerbach, parte B (A Base Real da Ideologia), itens 1, 2 e 3: Trocas e Força Produtiva / Relações do Estado e do Direito com a Propriedade / Instrumentos de Produção e Formas de Propriedade Naturais e Civilizadas, p.53-81.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de Selma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. **Os intelectuais e o poder** (1972). In: DELEUZE, Gilles. A ilha deserta. Tradução Luiz Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006. p. 265-273. Edição preparada por David Lapoujade.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 4. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. **Espaço e poder: a criação dos territórios na cidade**. Espaço & Debates, n.16, p.109-120, 1985.

HEISENBERG, Werner. **Physics and philosophy**. New York: Harper & Row, 1962.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. 18. ed. Tradução: Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. São Paulo: Globo, 1992.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. Arqtextos, n. 93, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: 04 jun. 2008

_____. **Elogio aos errantes: breve histórico das errâncias urbanas**. Arqtextos, n. 53, out. 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: 15 out. 2007

JUNG, C. G.; WILHELM, R. **O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês**. 8. ed. Tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

KAFKA, Franz. **Um artista da fome & a metamorfose**. Tradução de Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LISSITZKY, El. **La reconstrucción de la arquitectura en Rusia**. Traducción de Juan-Eduardo Cirlot. Barcelona: Gustavo Gili, 1970.

LÖWY, Michael. **Por uma cultura da solidariedade e da esperança**. In: MORAES, Denis de. (Org.). Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MAGNAVITA, Pasqualino R. **História, cidade e o pensamento pós-estruturalista**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 12., Belém. Anais... Belém: ANPUR, 2007.

MONTANER, Josep Maria. **As formas do século XX**. Tradução de Maria Luíza Tristão de Araújo. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

PEDRETTI, Carlo. **Leonardo – Il Disegno**. Firenze: Giunti Gruppo, 1999.

_____. ; CIANCHI, Marco. **Leonardo – I Codici**. Firenze: Giunti Gruppo Editoriale, 1995.

REVISTA CIÊNCIA E VIDA. v. 1, n.1, 2007. Edição Especial – Sociologia: As Cidades e a Sociedade.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 89-126.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SEABRA, Odete; CARVALHO, Mônica; LEITE, José Corrêa. **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SILVA, Ariadne M. **Processos híbridos de projeção em arquitetura**. Cultura Visual, v. 9, p. 105-116, 2006.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, O. G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p.11-25.

TEORIA DA ARQUITETURA: do renascimento aos nossos dias. Benedikt Taschen, 2003.

TOPALOV, Christian. **Os saberes sobre a cidade: tempos de crise?** Espaço & Debates, n. 23, p.28-38, 1991.

VAINER, Carlos. **Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano**. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (Org.). A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.75-103.

VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p.11-25.

VICTORIA, Luiz. **Dicionário básico de mitologia: Grécia, Roma, Egito**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Tradução de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida**. In: VELHO, O.G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 90-113.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA é uma publicação semestral sob a responsabilidade do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.

ACEITA-SE PERMUTA

Transcrições e citações são permitidas, desde que mencionada a fonte. Não assumimos a responsabilidade por idéias emitidas em artigos assinados.

Endereço para correspondência:
Faculdade de Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Núcleo de Apoio à Produção Editorial
Rua Caetano Moura, 121, Federação
CEP 40210-350 Salvador Bahia
tel-fax: (071) 2473803 (r. 220-221)
e-mail: nape@ufba.br
www.pos.arquitetura.ufba.br

COLOFÃO

Formato	17 x 24 cm
Tipologia	FrnkGothITC Bk BT 9,5/12
Papel	Alcalino 75 g/m ² (miolo) Nice 180 g/m ² (capa)
Impressão	Setor de reprografia da EDUFBA
Acabamento	ESB - Serviços Gráficos
Reimpressão	200 exemplares